

O PLURISSIGNO POÉTICO

Salatiel Ferreira Rodrigues (UNIG)

Em hipótese alguma, um texto existe por si só. Elaborar um texto é um jeito de procurar comunicação com um possível leitor que irá surgir mais hoje ou mais amanhã. O autor emite; o leitor recebe. E é somente após a leitura, após a interação que se faz na dinâmica autor/leitor, que o escrito se torna verdadeiramente um texto. O processo da significação é psíquico e, para acioná-lo, o homem atribui valores respectivos ao significante, de modo que a coesão do signo lingüístico é indissociável. “Não há um antes e um depois. Há relações/valores, concomitantemente.” (LEITE & SILVEIRA, 1992, p. 68)

As letras, quando consideradas em si mesmas, não passam de simples desenhos. Há, no entanto, significativa influência entre a linguagem com que se pensa, a situação que se vive e a atuação que se exerce diante do texto.

Para o faxineiro analfabeto, que tira o pó da biblioteca, os livros nada dizem do que neles foi escrito. E se, por um absurdo, jamais chegasse um leitor, os ‘desenhos-letras’ ficariam inúteis, folha de papel que um fogo qualquer queimaria, sem remeter ninguém a ativar a linguagem de seu pensamento para compreender o pensamento daquele que escreveu. (*Idem, ibidem*, p.10.)

Sem o binômio autor/leitor, sem duas mentes capazes de pensar, não existe fenômeno lingüístico. As relações sintáticas supõem sempre dois termos sem os quais torna-se impossível ocorrer uma dinâmica de relação. Um dos termos será invariavelmente o homem; o outro, de maneira global, será o mundo com o qual o homem quer se relacionar.

A língua não é um simples jogo de palavras, mas sim de signos lingüísticos que adquirem valores quando postos em relação uns com os outros. É a sintaxe que faz a semântica. “O que o homem relaciona são sempre valores e, mesmo numa só palavra, costuma-se encontrar vários deles.” (*Idem, ibidem*, p. 12.) A complexidade do processo que faz da palavra uma pluripalavra, que faz de um signo um plurissigno, que cria para o texto a sua textualidade, é, no entanto, produto da interação entre o autor e o leitor.

Beaugrand & Dressler (KOCH, 1993, p. 12.) apontam como critérios de textualidade, centrados nos usuários, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade. Recomendam que seja realçado,

não só o conhecimento declarativo, dado pelo conteúdo proposicional dos enunciados, mas também o conhecimento construído através da vivência, condicionado sócio-culturalmente, que é armazenado na memória, sob a forma de modelos cognitivos globais". (*Ibidem*)

Enquanto isso Givón e outros estudiosos filiados à linha americana da análise do discurso preocupam-se com as formas de construção linguística do texto como seqüência de frases, frente à questão do processamento cognitivo do texto, ou seja, "com os processos de produção e compreensão textuais e, conseqüentemente, com o estudo dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento". (*Ibidem*) Petöfi (*Idem, ibidem*, p. 13) defende o relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação do mundo que nele é textualizado, implicando, assim, elementos com-textuais e co-textuais, isto é, externos e internos ao texto. Como se pode perceber pelo acima exposto, esses estudiosos são unânimes em aceitar que, no que toca às operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, funcionamento e recepção de textos, deve ser respeitado, sobretudo o relacionamento que se estabelece entre o aspecto semântico e a experiência pragmática. Quem produz uma seqüência de frases e a apresenta como um texto tem a intenção de realizar com ela uma intenção comunicativa. Quem a recebe e aceita a seqüência como um texto procura determinar-lhe o sentido e, para isto, ativa o conhecimento de mundo arquivado em sua memória, trazendo à tona conhecimentos pertinentes à construção do que pode ser chamado de mundo textual. Como disse Pessoa de Barros, "o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido". (PESSOA DE BARROS, 1997, p. 7.)

Uma seqüência de frases produzidas, mas não decodificadas por um usuário, não passa de um amontoado de palavras inocentes e sem finalidade. Mas, uma vez postas em contato com uma mente que as recebe e tenta compreendê-las, as palavras criam vida, vestem-se de significados.

Mascaram-se. Contagiam-se com as outras palavras próximas. Dançam conforme a música tocada no salão de baile onde estão. O salão é o discurso e é aí que elas cristalizam momentaneamente uma de suas máscaras." (BACCEGA, 1995, p. 6.)

Diante da palavra textual o indivíduo exerce sua capacidade de produzir novas ações, novas significações, portanto novas palavras que já não são o simples repetir dos sentidos consagrados. Enreda-se ele agora na complexidade de produção e reprodução de palavras, na procura de caminhos que indiquem a construção de sentidos novos, respeitados a sua predispo-

sição anímica e o seu conhecimento acumulado.

Os poetas, que fazem o jogo do intelecto com as palavras, obtêm grande economia “ao modificá-las e redimensioná-las através de novas falas.” (Cassiano Ricardo. In. TELES, 1972, p.10.)

A linguagem é que domina a comunicação: o mundo é feito de palavras, mas a linguagem vai muito além delas, em suas formas apresentativas ou simbólicas.

A linguagem, por si, vai dispensando a palavra cada vez mais; os elementos informacionais é que compõem o nosso universo denotativo ou conotativo.

A fala, portanto, independe da palavra; implica sim na vocalização do pensamento, mas muito mais na compreensão maior do estímulo e do seu conteúdo, uma vez que neste há complicados processos de interação social e cultural. A fala é uma reformulação do dizer. A palavra é o nome a que a coisa se vê presa, é mera representação, mas a coisa é a pura essência do universo.

O poeta tem que “agir dentro do contexto ótico-imagístico reformulando o material com que lida para participar mais ativamente do mundo em que vive”,(*Idem, idem*, p. 9.) uma vez que “as próprias condições visuais do mundo de hoje criaram uma consciência amplificadora para a linguagem do poema”.(*Ibidem.*) Vai daí que o poeta, atento à complexidade do problema, busca e encontra no caos da modernidade a raiz da fala, que “está no primeiro anseio de dizer qualquer coisa.”(*Idem, ibidem*, p. 10.) Lidando engenhosamente com a palavra, que é matéria essencial de sua arte, obtém efeitos significativos ao modificá-la e atribuir-lhe outra dimensão na criação de novas falas.

Fala e não palavra, linguagem e não língua, abrangendo o icônico como fiel contrapartida do referente e não a palavra que o nomeia.

O domínio da comunicação é da alçada da linguagem: “as próprias coisas falam, nós é que dizemos o que elas falam”. (*Ibidem.*)

Vejamos agora um rápido exemplo de como, na prática, pode se verificar essa versatilidade do signo lingüístico:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CANTIGA

Para Lida Marri

Havia outra palavra
flutuando na noite
e outro silêncio havia

entre sombras e pedras
fechado no seu duro
e constante existir.

Mas sobre as águas, no ermo
das coisas que sabias
perecíveis, teu gesto

se deteve noturno
e exato como as rodas
no vértice do tempo.

TELES, Gilberto Mendonça. In. *A raiz da fala*.
Rio de Janeiro : Gernasa, 1972.

Para um começo feliz, o vocabulário do texto é todo do conhecimento geral. A sintaxe não apresenta nenhum rebuscamento, logo a semântica é clara e objetiva do ponto de vista denotativo. Conotativamente, no entanto, as palavras pedem uma consideração mais demorada, porquanto foram redimensionadas segundo a conceituação ótico-imagística do poeta. As referências feitas a outros poemas do autor, nesta primeira interpretação, têm aqui o objetivo de mostrar que ele defendeu idêntica temática em diversas passagens da mesma obra acima citada.

Outra palavra – se havia *outra* palavra é porque havia *uma* palavra, aquela criada pelo homem para denominação dos seres:

*Um dia, todos os seres viventes amanheceram
sur-presos nas malhas do nome.* (Antes do Nome, p. 32)

outra palavra seria a do caos incógnito, quando as coisas, ainda sem nome, por si só, comunicavam.

noite - a grande noite do Gênese, da pré-história, antes do surgimento da humanidade:

*No princípio,
(...)
nenhum sinal cortava o deserto do tempo
(...)*

*Antes do nome, os seres se dispersavam
incógnitos nos abismos do Gênese.* (Antes do Nome, p.32)

outro silêncio - um silêncio é aquele do usuário da palavra, diante dela, tentando decodificá-la; *outro* silêncio seria o da natureza, diante das coisas, atribuindo-lhes significação.

sombras - trevas, o desconhecido, o caos incógnito, “a turva aparência do nome”:

APARÊNCIA.

*No princípio,
(...)
apenas a sombra se movia monótona
sobre a fauce das águas.* (Antes do Nome, p. 32)

*Toda essência se oculta
e se mostra num cone
de sombra. E sob a turva
aparência do nome* (Argumento, p. 29)

pedras - as coisas (concretas, reais): **ESSÊNCIA.**

*Menos as coisas: essas permaneceram
livres e continuam noturnas, à espera
de outro momento da criação.* (Antes do Nome, p. 32)

fechado - encerrado, contido, improferível

*o nome se inclina para dentro
alguns se retraem
ou se fecham (improferíveis)* (O Nome, p. 35)

duro - durável, que dura

constante - ininterrupto

existir - o êxito de ser

*O duro somente dura
seu mistério e ferrugem:
no êxito de ser se esteriliza
todo sinal de permanência* (A Dur/ação, p. 30)

sobre as águas- o princípio, as águas do Gênese, o momento da criação

No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (Gênese, 1; 1 – 2)

*No princípio, (...)
apenas a sombra se movia monótona
sobre a fauce das águas. (Antes do Nome, p. 32)*

no ermo - no fundo

coisas perecíveis - as coisas, os seres, o nome, a palavra (some o referente, some a palavra que o nomeia).

*Todo corpo se limita
no seu círculo de lendas
e toda sombra apenas resiste
à travessia da memória.*

*O duro somente dura
seu minério e ferrugem*

(A Dur/ação, p. 30)

*(...) Cada sopro
divulga na planície seus volumes
de nada.*

(O Sinal, p. 31)

teu - este pronome revela o sujeito de 'sabias': o tempo. Só o tempo tem a prerrogativa de ser durável.

gesto - atuação

se deteve - permaneceu

noturno - imperceptível

exato - preciso, infalível

rodas - dias (rodas são as circunferências traçadas pelo deslocamento da Terra em torno do seu eixo a cada vinte e quatro horas).

vértice - ponto de onde parte o raio que, deslocando-se, vai marcando com exatidão e ininterruptamente os segundos, minutos, horas, dias, anos, séculos, toda a escalada do tempo no "constante existir".

tempo - a criação do nome se deu como resultado da ação do tempo.

CONCLUSÃO

Deus criou o mundo, e o homem inventou a palavra, matéria-prima do poema e batismo das coisas criadas. O próprio título endossa essa assertiva: *cantiga* = *coisa antiga*.

Agora imaginemos que não foi nada disso que o poeta quis dizer e tentemos um novo caminho de leitura:

coisas - significados

exato - operante, funcional, eficiente

existir - forma

fechado - encerrado atrás da aparência, da linearidade, duro e constante

flutuando - flutuando do significante para o significado

gesto - mensagem (Enquanto *gesto* significa “movimento para exprimir idéias ou sentimentos”, *mensagem* é a essência da obra de um poeta)

no ermo - inabitual

noite - obscuridade do texto literário

noturno - obscuro

outra palavra - o discurso literário, a leitura em profundidade

outra silêncio- o do leitor até captar o redimensionamento da palavra

pedras- denotação

perecíveis - alteráveis, modificáveis

rodas - levam a diversos lugares, logo a diversos caminhos de leitura

silêncio - a transparência das palavras, que não revela o poético

sobre as águas - acima da transparência das palavras

sombras - conotação

tempo - espaço de tempo que corresponde ao silêncio do leitor diante da palavra.

uma palavra - leitura de superfície

vértice- ponto de partida dos *n* caminhos de leitura

NB – A deixa para esta interpretação vem a partir do título do poema. *Cantiga*, de acordo com o dicionário, quer dizer “poesia cantada”. Logo, “cantai ao Senhor um canto novo”, que é o fazer poético, o texto poético.

BIBLIOGRAFIA

- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo : Ática, 1995.
- FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo : Ática, 1993.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo : Contexto, 1993
- & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo : Contexto, 1993.
- LEITE, Cília C. Pereira (Madre Olívia) & SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi. *Gramática de texto: as relações/valores*. São Paulo : Cortez, 1992.
- PESSOA DE BARROS, Diana Luz. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo : Ática, 1997.
- TELES, Gilberto Mendonça. *A raiz da fala*. Rio de Janeiro : Gernasa; Brasília : MEC, 1972.